

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

SONHOS DE KUROSAWA INTERPOLANDO O DEBATE DA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA PÓS-
ESTRUTURALISTA

Leandro Augusto do Amaral –
UEL – leandro.aug1@hotmail.com

Eixo 8: Educação e Política

Resumo

A educação ambiental vem ganhando solidez institucional nas últimas décadas como mecanismo de pedagogização dos discursos da Sustentabilidade. O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar a educação ambiental e a Sustentabilidade como cadeias de procedimentos ligados a políticas de controle das populações sob lógica econômica, utilizando os Estudos Culturais de linha pós-estruturalista como referencial teórico. O trabalho tem ainda por objetivo expressar uma proposta para o debate educacional ambiental buscando subsídios no Cinema. A problematização de grandes discursos e práticas que nos cercam e nos esquadriham é parte da atividade do livre pensamento, que jamais deixa de resistir e desconfiar das verdades estabelecidas.

Palavras-chave: Educação ambiental; sustentabilidade; Foucault.

Introdução

Sonhos, dirigido pelo cineasta japonês Akira Kurosawa, trata-se de 8 pequenas histórias cinematográficas, 8 fragmentos oníricos que percorrem a vastidão da vida humana. O 1º Sonho relata o trágico episódio da vida de um menino que macula sua pureza ao presenciar o casamento das raposas. Corrompido, resta ao menino cometer *seppuku* (ritual japonês de suicídio por esventramento) ou talvez encontrar no arco-íris uma elevação ao sublime.

Se fazemos do 1º Sonho uma metáfora conveniente, podemos questionar se há, de fato, situações que uma criança, ao viver, perde algo irreparavelmente de si. Não poderiam experiências brutais levar a modos de existência desnecessariamente dolorosos? Nesta perspectiva, a lista de situações desnecessárias que jovens não deveriam viver é vasta. Mas, há uma

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

que, curiosamente, se apresenta dissimulada, que é o interesse do presente estudo: a preocupação com o meio-ambiente.

A educação ambiental vem se afirmando, sobretudo nos últimos anos, nos currículos escolares do ensino obrigatório; funcionando como pedra de toque de um movimento comprometido em depositar sobre crianças e adolescentes a responsabilidade de salvar o planeta. Entretanto, a juventude a pouco tempo não era parte do diálogo ambiental internacional ou das políticas governamentais preservacionistas e, muito menos, lucraram junto aos Estados e organizações que permaneceram lenientes a exploração irracional dos ecossistemas. Não obstante, cabe agora aos jovens a preocupação pelo futuro do planeta, como uma massiva socialização dos prejuízos.

A educação ambiental institucionalizada impõe às gerações presentes (e futuras) a encontrar formas para que o maquinário capitalista coexista com um meio-ambiente saudável – por este ângulo, a educação ambiental se comporta como um tentáculo moldando leituras sociais, se apropriando de saberes, arranjando microações em todos os níveis nas malhas humanas. Por mais dissimuladas e hipócritas que sejam as ações institucionais em nome da “Sustentabilidade”, a questão ambiental é urgente e seu engajamento é coextensão da vida e da dignidade humana. Entretanto, esse quadro não blindava a educação ambiental e o discurso da Sustentabilidade de problematizações, acusações, críticas e, principalmente, de propostas e debates para remodelações.

Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo avaliar as práticas e os saberes da educação ambiental atual, problematizando-a como elemento de um conjunto heterogêneo maior de controle – a Sustentabilidade; que, por sua vez, pode ser situada num quadro amplo de políticas de controle da vida numa perspectiva pós-estruturalista. Por fim, o presente estudo ainda tem por escopo levantar uma proposta de discussão ambiental subversiva aos tensores mercadológicos a partir do filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa.

Metodologia

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Metodologicamente, o trabalho se desenvolveu como uma investigação teórica guiada pela apropriação de algumas linhas de pensamento pós-estruturalista arranjadas como uma caixa de ferramentas conceituais a serem utilizadas na descrição e problematização do objeto de estudo – a educação ambiental nos tempos da Sustentabilidade. Ainda, o presente trabalho buscou no filme *Sonhos* componentes imagéticas que poderiam fornecer ângulos diferentes para a discussão.

Desta maneira, o texto prossegue em três movimentos subsequentes: primeiro, citando e sistematizando os principais conceitos filosóficos utilizados no corpo da investigação, para então prosseguir “diagnosticando” a Sustentabilidade e a educação ambiental à luz do referencial teórico apresentado e, por fim, o texto caminha para reflexões sobre debate ambiental no âmbito educacional.

Referencial teórico

O referencial teórico utilizado neste trabalho advém do campo dos Estudos Culturais, na perspectiva pós-estruturalista. Dentre os teóricos que se buscou dialogar, destaca-se o pensador francês Michel Foucault (1926-1984). Além de Foucault, pensadores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giorgio Agamben forneceram contribuições relevantes a discussão. Ao situarmos a Sustentabilidade como uma forma de controle do pensamento, nossas considerações privilegiam os conceitos filosóficos ligados a genealogia de configurações de poder-saber, fabricação e resistência das subjetividades.

Michel Foucault (1974; 2001; 2008a) identifica, nas sociedades humanas, formações discursivas historicamente localizadas, isto é, a atualidade discursiva de uma sociedade é um regime complexo de fabricação de verdade em uma dada época, filtrando modos de ver e falar, selecionando certos agentes como portadores de verdade e interditando outros (subversivos). As práticas discursivas montam campos de enunciados com interesses de comunicar interpretações através de arranjos de poder. “O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é ele mesmo um elemento de um dispositivo estratégico de poder” (FOUCAULT, 2012, p.253).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

As formações discursivas podem englobar enunciados em planos fraturados, isto é, disputas para as constituições de campos de saber na tentativa da constituição de um discurso hegemônico. A compleição dos discursos não se dá apenas por operações enunciativas, é preciso vinculá-lo a uma diversidade de elementos (o dito e o não-dito); compondo o que Foucault chamou de dispositivo. Portanto, dispositivo é uma heterogeneidade “que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2003, p. 244).

A laboriosa rede que sustenta um dispositivo o faz por interesses de criar formas de sujeição, direcionar os *modos de ser* nos formigueiros humanos. Agamben define os dispositivos como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 5). Os sujeitos são atravessados por uma diversidade de dispositivos, de composições igualmente diversas, em entropia e desequilíbrios. É por esse caráter de complexidade quase topológica que a interpretação de dispositivo foucaultiano desenvolvida por Deleuze é bastante instrutiva:

É antes de mais nada um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximam, às vezes se afastam umas das outras (DELEUZE, 1996, p. 1).

O tecido social é esticado e tensionado entre dispositivos que atravessam sujeitos, costuram subjetividades, direcionam e funcionalizam corpos no espaço e no tempo. Inúmeros dispositivos, mesmo em sua diversidade e alteridade, remetem a um campo de poder interessado na regulamentação da própria vida biológica – o biopoder; que combina elementos de uma “anátomo-política do corpo humano” (FOUCAULT, 2010, p. 151) e os procedimento de regulamentação das populações (biopolítica); gerando uma complementariedade de campos estratégicos mirando a vida (corpo-indivíduo e “corpo-espécie”) como força de trabalho e fonte de riqueza

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Segundo Foucault, o biopoder é operante nos Estados Modernos ocidentais devido racionalidade política predominante nessas sociedades: o liberalismo e o neoliberalismo. Valores como individualismo, liberdade, competitividade, etc., são arrastados para o jogo das subjetividades como transbordamentos econômicos nas esferas sociais. Desta forma se dão as composições interessadas de verdade histórica sob tutela do mercado, tal como a Sustentabilidade. “O mercado deve dizer a verdade” (Foucault, 2008b, p. 45).

Resultados e Discussão

As últimas duas décadas marcaram a consolidação da Sustentabilidade como discurso global. Um circuito capaz de *fazer ver e falar* de meio-ambiente e desenvolvimento humano em certas configurações interessadas, selecionando agentes, locais e circunstâncias autorizadas a falar. A Sustentabilidade abriga um campo de expressão localizado e pressionado histórico-politicamente – que nada mais é que a própria ideia de discurso para Foucault (2001).

Se a Sustentabilidade é uma verdade histórica para nossa época o é por inúmeros procedimentos discursivos, campos de saberes e práticas vinculadas por relações interessadas e arranjos institucionais que convergem para uma leitura social hegemônica. A Sustentabilidade passa a ganhar densidade em princípios da década de 70, em meio a aurora dos movimentos ambientalistas, primeiras conferências internacionais promovidas pela ONU (Organização das Nações Unidas), relatórios do Clube de Roma, crises econômicas e consolidação de políticas neoliberais.

As teorizações do economista Ignacy Sachs (1986), que cunha o conceito de *ecodesenvolvimento*, e o relatório da Comissão Brundtland (1991) que universaliza a ideia de *desenvolvimento sustentável*, trazem o problema da preservação ambiental como coextensivo ao desenvolvimento socioeconômico – então como campos de relação inversa. Entretanto, modulações distintas afastam o teor das considerações de Sachs e do relatório Brundtland, com o primeiro propondo um profundo engajamento político emancipador em atuações múltiplas para o desenvolvimento articulado ambientalmente, socialmente, politicamente, etc.; enquanto o relatório

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Brundtland parece articular uma conciliação entre os campo técnico-econômico e o ambiental.

O discurso da Sustentabilidade funciona transversal às redes de inúmeros atores sociais distintos (ONGs, governos, sociedade civil, mercado, etc.) e tantas estâncias de saber-poder; de maneira que as formas do conteúdo e expressão do discurso da Sustentabilidade são disputadas no tecido das coletividades humanas, por distintas práticas discursivas, de forma percorrer o campo discursivo de batalhas políticas, contradições e acusações. A difusidade do discurso abre espaço para a polissemia dos significadas, as apropriações parciais, distorções, etc. Todavia, há coordenações que conseguem maior rede de alianças, isto é, atuação de certas forças que detém mais eficazmente a Verdade da Sustentabilidade, de forma a conjugar práticas e saberes que vão se solidificando na malha histórica por ação dos dispositivos.

Inúmeros trabalhos acadêmicos já possuem o mérito de descrever e analisar a Sustentabilidade como um dispositivo na perspectiva de Foucault, como as contribuições de Leandro Guimarães (2012; 2015). Assim sendo, o presente trabalho se atenta menos a explanação da Sustentabilidade como dispositivo. A Sustentabilidade aparece como um dispositivo relativamente novo, tomando espaço sobre a ruína do discurso do crescimento econômico no âmbito da polarização da guerra fria, e tão logo nos vimos atravessados pelos enunciados verdes em nossas vidas cotidianas. “Nós pertencemos a dispositivos e agimos neles. A novidade de um dispositivo em relação aos precedentes pode ser chamada de sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual” (DELEUZE, 1996, p. 5)

Como dispositivo, a Sustentabilidade está entre as “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (DELEUZE, 1996, p. 1), se desdobrando em múltiplos aspectos nas vidas dos sujeitos, sustentando e sendo sustentada por uma heterogeneidade de atores humanos e não-humanos. Todos esses elementos se emaranham e se atravessam por relações e tensões de naturezas distintas, como uma complexa rede plástica integrada “por linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura, e todas se entrecruzam e se misturam [...]”

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

(DELEUZE, 1996, p. 3). Mas, se um dispositivo implica numa coordenação de elementos heterogêneos com interesse de controlar formas de pensar, ver e se ver no mundo então quais seriam as configurações de um sujeito fabricado pelas linhas da Sustentabilidade?

A Sustentabilidade arranja o sujeito entre os reclames de mudanças de hábitos e novos estilos de vida, guia uma nova sensibilidade ao espaço, às paisagens, às materialidades; exige uma contínua conectividade com a atualidade do presente (no âmbito ambiental, mas também o presente político, moral, social, tecnológico, etc.). O sujeito sustentável é projetado como uma demanda de mercado, atendendo a um paradigma ético-moral-estético, uma dimensão do sujeito-cidadão. É ainda presente a reafirmação constante de um *eu* verde, ostentado, narrado para si e para outros, uma forma de confissão pós-pastoral arrendada pelo biopoder. Para tanto, todavia, a Sustentabilidade do sujeito precisa ser *pedagogizada*, e esses processos ocorrem em inúmeras esferas – imprensa, militâncias civis, cinema, exposições de arte, etc.; além de espaços delgados de convivências, como os ciberespaços.

A educação ambiental no sistema de ensino obrigatório se insinua como uma linha importante dentre os processos da pedagogização da Sustentabilidade. Com interesse de explicar o debate da proteção do meio-ambiente em matriz compulsória e institucionalizada, a educação ambiental acabou sendo gerada sobre eixos míopes, se perdendo numa névoa burocrática que não trouxe à superfície temas e metodologias que fugiam ao discurso da Sustentabilidade de mercado. A educação ambiental atual coleciona moralismos inflamados, imagens catastróficas de destruição eminente do planeta, estímulo a certas formas de consumo, socialização de culpas e responsabilidades, aceitação e submissão a uma consciência verde, julgadora e modeladora.

A preocupação ambiental ao ser institucionalizada pela escola se mostra como uma questão técnica e utilitarista, que serve ao finalismo da sobrevivência diante de uma imagem aterrorizante de futuro; as ações práticas sob seu signo, arranjadas no dispositivo da Sustentabilidade, levam a aquisição de um modo de existência fabricado compulsoriamente – produção de sujeitos

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

moralmente genuínos. Todavia, por mais que a educação ambiental praticada seja incipiente, o meio-ambiente é uma problemática imanente a educação como um todo.

Se a educação ambiental está percolada pelas linhas do dispositivo da Sustentabilidade, então talvez seja no campo da resistência que a educação ambiental pode encontrar o meio-ambiente sem os constrangimentos neoliberais, isto é, é pela criação de novas subjetividades e discursividades, de novas interpretações, práticas e hábitos que as fraturas, derivações e recriações no dispositivo são alcançáveis, pretendidas, vislumbradas. A subjetividade não é reduzível a relações de poder e saber, ela transborda, escapa, é diferença virtual, é linha de fuga (DELEUZE, 1996).

A subjetividade como uma força capaz de escapar pelas chaminés das maquinarias dos dispositivos está sempre fraturando o projeto do sujeito unificado, individualizado, dócil. Como sugere Guattari (1992), talvez seja mais conveniente falar em *componentes de subjetividade* do que em *sujeito*, pois os modos de existência são múltiplos, os fluxos envolvidos na compleição da subjetividade são abertos e diversos e, por isso, assume uma linha em potência em diferenciação, “quebrada, submetida a variações de direção, bifurcante e engalhada, submetida a derivações (DELEUZE, 1996, p. 1).

A educação para a liberdade de pensamento não se alia aos procedimentos de estanque e fossilização da subjetividade, à tentativa de fundir sujeitos funcionais. É preciso que a educação seja adversária das homogeneizações subjetivas, que lute no interior dos dispositivos e opere resistências, declare guerras e instaure espaços de produção da diferença, convoque elementos até então silenciados e prolifere uma política de atos de criação. A subjetividade, no entanto, precisa se agarrar à estímulos, movimentos bruscos, hecceidades, volumes inéditos, raridades sensíveis, harmonias inquietas, nuvens de caos – é desta maneira que se proliferam as cadeias de criação subjetiva. "O nascimento de uma compleição de sentido implica sempre uma apropriação maciça imediata do conjunto da diversidade contextual" (GUATTARI, 1992, p.102). E educação deveria ser justamente o

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

esforço capaz de convocar potências diversas para diferentes compleições de subjetividade.

Uma questão parece então precipitar neste momento da discussão: como repensar subjetividade e educação ambiental? Primeiramente, é preciso que a educação ambiental em nada remeta a Sustentabilidade enquanto lógica de mercado – não é necessariamente preciso banir a Sustentabilidade, é mais inteligente fazê-la sangrar em suas contradições e interesses biopolíticos. O rompimento com o discurso da Sustentabilidade esvazia as temáticas e práticas da educação ambiental institucionalizada, de forma que é preciso preenchê-la com algo mais que análises, denúncias e críticas mordazes ao dispositivo da Sustentabilidade e ao mercado *greenwash*, é preciso convocar planos potencias de subjetividades que possam se conectar à proteção ambiental não como lógica econômica e sim como imanência a vida e uma estética da existência. Resgatar enunciados das silenciadas aspirações de ecodesenvolvimento de Sachs parece um movimento eficiente, entretanto, é preciso avançar muito além, ampliar o “conjunto da diversidade contextual”. É nessa perspectiva que o texto se encaminha para ler o filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa, como um pequeno relâmpago num céu escuro pouco habitado.

A discursividade de *Sonhos* é, sobretudo, imagética, pática. Os 8 fragmentos oníricos são bastante interessantes para discussões no campo da educação ambiental por serem capazes de distribuírem heterogeneamente ao dispositivo da Sustentabilidade, isto é, ocuparem discursos distintos. Para nosso interesse, são demarcados dois planos discursivos: os sonhos ligados a Sustentabilidade enquanto projeto de um sujeito fabricado (1º, 4º, 6º e 7º Sonhos) e os sonhos ligados a uma potência de subjetividade de componentes verdes (2º, 3º, 5º e 8º Sonhos). A seguir são expressos os 8 fragmentos de *Sonhos*, intitulados de maneira que se julgou conveniente.

1º Sonho: Raios de Sol

2º Sonho: O Jardim dos Pessegueiros

3º Sonho: A Tempestade

4º Sonho: O túnel

5º Sonho: Corvos

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

6° Sonho: Monte Fuji em Chamas

7° O Demônio que chora

8° Sonho: A Aldeia dos Moinhos d'Água

Para articular os fragmentos oníricos aos dois planos discursivos estabelecidos anteriormente o que se segue são apenas apontamentos, sugestões de discussões e pontos para aprofundamento, de modo a compor um pequeno território educacional para discutir a proteção ambiental na atualidade. O 1° Sonho, já abordado na introdução deste trabalho, é ideal como movimento de partida nas discussões ao fazer imergir a imagem das escolhas inocentes e consequências brutais e das transformações de si num mundo em que o presente não recua. Assim, o 1° Sonho convida a pensar o limiar entre as formas várias de sujeição – o que demarca a passagem de uma configuração de sujeito a outra, o quanto a subjetividade cabe ao governo de si e até que ponto é imposta, mapeamento das linhas de fuga do *eu* e das armadilhas dos dispositivos de controle.

O 2° Sonho trata da desolação de um menino no Hinamatsuri – o Festival de Bonecas, ao ser ver em meio a um jardim de pessegueiros cortados. O menino acaba sendo abordado pelas bonecas que ganharam vida e o acusam de se interessar apenas pelos pêssegos; o menino, no entanto, deixa subir a superfície uma paixão tão pura e honesta pelos pessegueiros que as bonecas lhe permite contemplar por uma última vez os pessegueiros floridos numa das cenas mais sublimes do cinema. O 2° Sonho é sobre a legitimidade de sentir a natureza seja com dor ou prazer. “Pêssegos podem ser comprados, mas onde comprar todo um pomar em flor?” (SONHOS, 1990).

O 3° Sonho narra a luta de alpinistas para alcançar um acampamento durante uma nevasca. É sobre a natureza como uma força impiedosa e implacável que não serve a nenhum senhor. Pode ser também uma metáfora da cegueira para o que está diante de nossos olhos – uma vez que, passada a nevasca, os alpinistas estavam do lado do acampamento (salvação) o tempo todo. O 4° Sonho retrata a culpa dolorosa de um comandante sobrevivente ao se encontrar com os fantasmas dos soldados de

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

seu regimento, mortos em serviço. É um Sonho sobre o remorso de servir ao injustificável até estar esmagado nas ruínas da própria alma.

O 5º Sonho mostra um jovem estudante perseguindo Van Gogh. é sobre a Vida em brasa, é sobre o esforço da alma humana em tentar capturar a natureza que transborda e incandesce, a perseguição do arco-íris e das flores dos pessegueiros. Entre as tintas do pintor holandês, as paisagens não são adornos, são territórios de existência que podem perambular almas sensíveis. O 4º e o 5º Sonho se contrastam violentamente, abrem uma linha em chamas para discutir afeto, sensação, percepção, ética, autorrealização, esforço, luta, etc.

O 6º Sonho é a própria hecatombe da humanidade representada num desastre nuclear, tecida como imagem crua do temor diante do catastrofismo irremediável causado pela ganância dos sujeitos. O 7º Sonho, de certa forma, continua o pesadelo do 6º, retratando uma gente que abriu mão até da humanidade pela ganância instrumental ao exibir o homem para além de todos os limiares, nada mais que um deformidade com chifres que grita ao chão em dor e agonia e é presa de outros demônios – a humanidade que termina em canibalismo e autofagia. O 6º e o 7º Sonhos abrem espaço para discussões das linhas de visibilidades postas em movimento pelo dispositivo da Sustentabilidade e a capitalização do medo compulsório e fabricação de interjeições sensíveis, mas também permite discutir a pós-humanidade e o sacrifício tecnoeconômico.

O 8º Sonho retrata modos de existência tecidos entre pequenas apoteoses que parecem ocupar o espaço como vapor em uma aldeia de moinhos d'água. Um mochileiro viajante adentra um vilarejo de harmonias fluidas e se depara com uma comunidade que abriu mão de toda tecnologia moderna por uma reexistência junto a natureza, um ancião narra com desconcertante sabedoria as trilhas hedonistas tomadas por sua gente. "Hoje em dia as pessoas se esquecem de que elas são só uma parte da natureza. Destroem a natureza, da qual nossa vida depende" (SONHOS, 1990). Não há moralismos na fala do ancião, há expressão de uma outra melodia e ritmo de vida, de outra forma de encarar o mundo, os outros e a si. O último sonho termina com um acalentador funeral, que celebra a vida como um ato

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

emocionante cuja a morte é só parte, outro ato para se encarar com música, paz, pessoas amadas e cores vibrantes.

Sonhos carrega consigo uma polissemia de imagens que parecem muito potentes para problematizar a educação ambiental atual ao mesmo tempo que abre fissuras e novas linhas de subjetivação para repensar a natureza política que estamos dispostos a modelar em torno da natureza e da proteção ambiental. É uma pequena chispa de luz num mundo aterrorizado por sombras, mas mesmos as pequenas movimentações do olhar “torna visível o que é visível, faz aparecer o que está tão próximo, tão intimamente ligado a nós que, por isso mesmo, não o vemos” (FOUCAULT, 2011, p.246).

Conclusões

A Sustentabilidade no último meio século conseguiu conectar um vasto conjunto de elementos heterogêneos, estabilizando discursividades e práticas de subjetivação. Dentre tais elementos, a educação ambiental institucionalizada tem um papel importante como linha de pedagogização das populações. Entretanto, os dispositivos não podem projetar controles absolutos de pensamento e ação, justamente porque a subjetividade se faz em ziguezues: entre as pressões de poder-saber e o governo de si para si. A educação para o livre pensamento deve resistir justamente na medida que convoca potenciais de diferenciação subjetivas, isto é, educação como um contínuo ato de criação.

Referências

BRUNDTLAND, G.H. **Nosso Futuro Comum** . Rio de Janeiro: FGV, 1991.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Deleuze, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: **Agamben, G. O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 1974.

_____. **A ordem do discurso** . São Paulo: Edições Loyola, 2001.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. Diálogos sobre o poder. In: _____. **Ditos & Escritos IV Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 253-266.

_____. A cena da Filosofia. In: _____. **Ditos & Escritos VII Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2011. p. 222-247.

_____. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Sobre a história da sexualidade, In: _____. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GUIMARÕES, Leandro B. **A (in)sustentabilidade da imagem**. ExperimentArt. nº1, vol. 1, 2015. p. 25-39.

_____. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos "verdes". In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). **Estudos Culturais e Educação**: desafios atuais . Canoas: Ulbra, 2012. p. 219-232.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir . São Paulo: Vértice, 1986.

SONHOS. Direção: Akira Kurosawa; Ishirô Honda. Produtor-executivo: **Steven Spielberg**. [S.1.]: Warner Home Vídeo, 1990. 1 DVD (119 min).